

*Tu és o Senhor que esmaga as guerras (Judite 9,7)*  
*Guerra Nenhuma é Santa*

*You are the Lord who Crushes Wars (jdt 9,7)*  
*No War is Holy*

**Resumo**

Guerra santa quer dizer guerra dos deuses. As piores guerras são aquelas feitas em nome, o de acordo, com um monoteísmo excludente que não aceita nem suporta diferenças: é o monoteísmo das religiões que, desde sempre, foi mecanismo de opressão e de controle das consciências, em vista de um projeto de domínio universal, levado adiante pelo povo “eleito” que deve converter os outros povos ou, se não se converterem, exterminá-los, entregando-os, assim, a Deus, num anátema sagrado, queiram eles ou não queiram. Falar em guerra santa, então, quer dizer falar de quem é o “nosso Deus” cuja violência é narrada e exaltada e, no mesmo tempo, significa dizer quem é o “povo de Deus” ao lado do qual ele luta e que ele salva. A guerra santa é, assim, um verdadeiro lugar teológico.

**Palavras-chave:** Guerra; Violência; Anátema; Justiça; Perdão.

**Abstract**

Holy war means war of the gods. The worst wars are those carried out in the name of, or in agreement with, an exclusionary monotheism that does not accept or support differences: it is the monotheism of religions that has always been a mechanism of oppression and control of consciences, in view of a project of universal dominion, carried out by the “elected” people who must convert other peoples or, if they do not convert, exterminate them, thus handing them over to God, in a sacred anathema, whether they want it or not. Talking about holy war, then, means talking about who “our God” is, whose violence is narrated and exalted, and, at the same time, it means saying who the “people of God” are, alongside whom he fights and whom he saves. Holy war is, therefore, a true theological place.

**Keywords:** War; Violence; Anathema; Justice, Forgiveness.

---

<sup>1</sup> Doutor em Bíblia. Formador de lideranças em Comissão Pastoral da Terra y Membro do CEBI Brasil, gallazzi46@gmail.com

Muitas vezes conversei sobre violência, luta, resistência, guerra, com animadores de comunidades, líderes quilombolas, diretores sindicais, movimentos de mulheres. Lembro que o primeiro artigo que eu escrevi, em 1985, foi a partir da pergunta de seu Antônio, esposa de dona Raimunda, no Bico do Papagaio, durante uma formação bíblica promovida pelo mártir Padre Josimo: “Se o fazendeiro mandar seus capangas me expulsar da minha terra, posso meter bala? O que a Bíblia diz?”. Escrevi, então, o artigo “A mão do Senhor contra o Egito” (GALLAZZI, 1985, pp. 11-20).

Acompanhando, com a reflexão bíblica, as lutas de ribeirinhos, posseiros, mulheres, continuei me debruçando sobre o assunto e sobre isso escrevi, junto com Anna Maria, não poucos artigos, dos quais lembro, por exemplo, “Salvos, uma oração violenta?” (RIZZANTE, 1985, pp. 31-39). Com ela escrevi, também, o comentário ao livro de Judite (GALLAZZI E RIZZANTE, 2001) e, com o saudoso Francisco Rubeaux escrevi o comentário ao primeiro livro dos Macabeus (GALLAZZI E RUBEAUX, 1993): livros de luta, de guerras e até de guerras santas.

Levei estas reflexões aos encontros de biblistas latino-americanos e fui convidado a trabalhar o tema da violência nos Cursos Intensivos de Bíblia, promovidos pelo CEBI.

Caminhar junto a tanta gente que lutava contra a exploração e a opressão dos fazendeiros da UDR (União Democrática Ruralista) e de um agronegócio que concentra terras e riquezas, devasta o ambiente e expulsa, tortura e mata quem lhe resiste, fazia ressoar com força, sempre atual, as palavras proféticas: *cobiçam campos e os tomam, cobiçam casas e as roubam; fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança* (Mq 2,2); *armas uma guerra para quem vivia tranquilo* (Mq 2,8).

Vi que a palavra *hamas*/violência é sempre associada a opressão, injustiça, exploração, mentira. Violência é sempre dos poderosos: *os seus ricos são cheios de violência e os seus habitantes falam mentiras* (Mq 6,12). Violência é, também, a resposta de Deus que vai punir os poderosos violentos. Quem luta pelo direito e pela justiça nunca é violento. Ele é forte e corajoso, ela/ele é valente; nunca violento.

### **Era o que chamamos “leitura militante da Bíblia”**

Hoje tenho bem mais dificuldade em usar a Bíblia, este livro do qual, se for torcido, saem rios de sangue, como dizia Carlos Mesters, se bem lembro. Livro nascido num pequeno e estreito corredor de terra, o único a ter água, no meio dos desertos, e que une a África à Ásia. Terra disputada pelos imperialismos de todos os tipos e de todos os tempos, ontem e hoje.

Não dá para contar quantos exércitos pisaram e guerream naquele corredorzinho de terra, chamado de Canaã, de Judá, de Israel, de Palestina. Não

bastassem os exércitos egípcios, hititas, assírios, babilonenses, persas, gregos, romanos, cujas lutas envolveram estas terras, havia, também, a realidade interna desta terrinha que era lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu; lugar dos hebreus, das tribos de Israel e de seus vizinhos, amonitas, moabitas, edomitas, amalecitas e filisteus/פְּלִשְׁתִּים/p<sup>e</sup>listiim. Todos eles sempre em conflito, em luta, em guerra entre si, disputando, espaços, produtos, hegemonia.

Como a gente entende o anseio do povo pelo fim destas guerras:

*Converterão as suas espadas em pás e as suas lanças em foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os amedronte (Mq 4,3-4; Is 2,4; Jl 4,9-11);*

*Todo calçado que levava o guerreiro no tumulto da batalha e todo o manto revolvendo em sangue, serão queimados, servindo de combustível ao fogo (Is 9,5);*

*Quebrarei o arco e a espada e a guerra e os farei deitar em segurança (Os 2,18).*

*Destruirei os carros de Efraim, e os cavalos de Jerusalém; e o arco de guerra será destruído, e ele anunciará paz às nações; e o seu domínio se estenderá de mar a mar; e desde o rio até as extremidades da terra (Zc 9,10).*

*Ele faz cessar as guerras até o fim da terra; quebra o arco e corta a lança; queima os carros no fogo (Sl 46,9; 76,3).*

Esta divindade pacífica e pacificadora, contrasta fortemente com a divindade violenta, ameaçadora, castigadora de muitos outros textos. Violento contra as nações que devem ser exterminadas e, entre elas – e é só um exemplo – os p<sup>e</sup>listiim/Filisteus: uma atitude que não mudou ao longo dos tempos:

*Am 1,8 (+/- 740 a.C.) Exterminarei o morador de Asdod... e o restante dos p<sup>e</sup>listiim perecerá, diz o Senhor DEUS*

*Sf 2,5 (+/- 600 a.C.) A palavra do SENHOR será contra vós, ó Canaã, terra dos p<sup>e</sup>listiim; e eu vos destruirei, até que não haja morador.*

*Jr 47,4 (+/- 587 a.C.) O SENHOR destruirá os p<sup>e</sup>listiim, o remanescente da ilha de Caftor.*

*Ez 25,16 (+/- 550 a.C.) Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu estendo a minha mão sobre os p<sup>e</sup>listiim e destruirei o restante da costa do mar.*

*Zc 9,6 (+/- 400 a.C.) Exterminarei a soberba dos p<sup>e</sup>listiim.*

Escolhi de proposito ditos proféticos em contraste com aqueles citados antes, para evidenciar a “dualidade” do rosto de um Deus que é pensado e vivenciado como interventor na história humana.

A mesma violência divina se dá contra os “ímpios”: *Se o homem não se converter, Deus afiará a sua espada; já tem armado o seu arco, e está aparelhado. E já para ele preparou armas mortais; e porá em ação as suas setas inflamadas contra os perseguidores (Sl 7,12-13).*

Violência que se abate contra o povo que se torna infiel, adorando outros deuses, copiando as “nações”, desprezando a vontade de Deus e provocando o seu ciúme e o seu furor, como o de um marido traído pela mulher adúltera e prostituta. Bastaria ler as maldições contidas no capítulo 28 do Deuteronômio para ver até onde chega a violência divina “*se não deres ouvidos à voz do SENHOR Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão*” (Dt 28,15).

O grito desesperado das “filhas de Sião” que vivenciaram a violência de Babilônia contra Jerusalém, ecoa no livro das Lamentações. Quantas lágrimas de mulheres estas “guerras” provocaram: seja das mulheres dos derrotados, como das mulheres dos vencedores!

Numa guerra é impossível conter a violência dentro dos limites estabelecidos pelo mandamento, presente nos três maiores códigos bíblicos, e que buscava restaurar o equilíbrio social: “*se houver morte, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão em mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe*” (Êx 21,23-25; Lv 24,18-20; Dt 19,21). A violência da guerra sempre extrapola e pode até chegar ao extermínio do inimigo<sup>2</sup>.

Fruto de uma cultura que não separava o político do religioso, todas as guerras eram consideradas “santas”: quem queria a guerra eram as divindades, de um lado e do outro; elas garantiam sua presença e sua força e guiavam os exércitos na hora da batalha.

Pior ainda, hoje, quando a bênção da mesma divindade é invocada sobre os exércitos de ambos os lados: durante a segunda guerra mundial, nos cinturões dos soldados alemães estava estampilhado: Gott mit uns / Deus conosco. A mesma divindade é invocada, hoje, sobre os exércitos ucranianos e russos.

Uso a palavra divindade porque não acredito que seja o Deus em que eu acredito a abençoar e santificar estas guerras.

Não pretendo neste ensaio, falar sobre a guerra santa, sua origem, sua história, suas características, suas regras, como constam nos textos bíblicos, de maneira especial em Dt 20; Dt 7,1-5, no livro de Josué e, também, no Rolo da Guerra dos manuscritos de Qumram. Quem quiser aprofundar pode recorrer às páginas 297 a 306 do manual clássico de De Vaux (2003).

---

<sup>2</sup> “Cerca de 1.200 é o número oficial de vítimas do massacre de 7 de outubro”, disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Lior Haiat, em 10/11/2023. A reação de Israel contra o Hamas, em Gaza, já provocou 30 vidas palestinas por cada vida israeliana! É um massacre desproporcional e de uma crueldade impossível de explicar, sobretudo, contra mulheres e crianças que são o 70% das vítimas. Mesmo que, oficialmente, o estado de Israel nunca tenha falado em guerra santa, as decisões tomadas estão gerando um verdadeiro genocídio da população palestina, como preconizavam as guerras santas bíblicas. Nem podemos esquecer os abusos permanentes contra a população palestina por parte do estado de Israel que provocam discriminações e geram resistência e violências. Nesta realidade quem faz hamas/injustiça, segundo o pensamento bíblico, é o estado de Israel.

Guerra santa quer dizer guerra dos deuses. As piores guerras, porém, são aquelas feitas em nome, o de acordo, com um monoteísmo excludente que não aceita nem suporta diferenças: é o monoteísmo das religiões que, desde sempre, foi mecanismo de opressão e de controle das consciências, em vista de um projeto de domínio universal, levado adiante pelo povo “eleito” que deve converter os outros povos ou, se não se converterem, exterminá-los, entregando-os, assim, a Deus, num anátema sagrado, queiram eles ou não queiram.

Falar em guerra santa, então, quer dizer falar de quem é o “nosso Deus” cuja violência é narrada e exaltada e, no mesmo tempo, significa dizer quem é o “povo de Deus” ao lado do qual ele luta e que ele salva.

A guerra santa é, assim, um verdadeiro lugar teológico.

Vejam alguns dos muitos exemplos presentes nos textos bíblicos.

## 1. As guerras santas de Elias

A primeira guerra se dá no monte Carmelo, contra “os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, e os quatrocentos profetas de Asherá, que comem da mesa de Jezabel” (1Rs 18,19-46). É uma guerra de religião: quem é o verdadeiro Deus? Baal ou o SENHOR? Elias convoca o povo a escolher: *Até quando coxearéis num pé e no outro? Se o SENHOR é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o* (21). O primeiro passo será a reconstrução da identidade deles: *Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele; e restaurou o altar do SENHOR que estava quebrado. E Elias tomou doze pedras, conforme ao número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual veio a palavra do SENHOR, dizendo: Israel será o teu nome. E com aquelas pedras edificou o altar em nome do SENHOR* (30-32).

Como sabemos, o fogo divino desceu em resposta à invocação de Elias: *Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo conheça que tu és SENHOR o Deus, e que tu fizeste voltar o seu coração* (37).

A conclusão é clara: de um lado o povo que proclama: “SENHOR ele é Deus, SENHOR ele é Deus” e, do outro, a ordem de Elias “*Agarrem os profetas de Baal, que nenhum deles escape. E os agarraram; e Elias os fez descer ao ribeiro Quisom, e ali os degolou*” (39-40).

A segunda guerra santa de Elias tem origem num outro monte: é o Oreb, o monte sagrado do SENHOR. É uma guerra a ser organizada contra os reis de Samaria que mantinham um estado opressor, mesmo que o culto oficial fosse iavista (1Rs 19).

É o que Elias ouve do SENHOR, presente na brisa leve: *Vai, volta pelo teu caminho para o deserto de Damasco; e, chegando lá, unge a Hazael rei sobre a Síria. Também a Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei de Israel; e a Eliseu, filho de Safate de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar. E há de ser que o que escapar da espada de Hazael, matá-lo-á Jeú; e o que escapar da espada de Jeú, matá-lo-á Eliseu* (15-17).

Esta guerra acontecerá nos dias de Eliseu (2Rs 9-10) e será um verdadeiro massacre de toda a corte e todas as lideranças. Foi uma chacina brutal e quase indiscriminada. Um século depois o profeta Oseias avaliará negativamente estes acontecimentos, quando, por ordem divina, dará o nome ao seu primeiro filho: *“Dá ao teu filho o nome de ‘Jezrael’, pois logo, logo vou cobrar da casa de Jeú o sangue derramado em Jezrael. Vou acabar com o Reino da Casa de Israel. Acontecerá, naquele dia, que, no vale de Jezrael, quebrarei o arco de Israel”* (Os 1,4-5).

## 2. As guerras santas de domínio

Elaboradas pelos escribas dos palácios de Israel e de Judá é a teologia da “terra prometida” aos descendentes de Abraão: *O SENHOR fez uma aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência eu dei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates; terra dos quenitas, dos quenезitas, dos cadmonitas, dos heteus, dos fereseus, dos refaitas, dos amorreus, dos cananeus, dos gerge-seus e dos jebuseus”* (Gn 15,18-21).

A fidelidade a esta aliança é reafirmada nas memórias do êxodo pelas palavras do SENHOR a Moisés: *Eu desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu* (Êx 3,8).

Promessa/aliança que se concretizou só nos dias de Salomão, depois que Davi, pai dele, tinha submetido todas as populações da região e as populações vizinhas: *Eram, pois, os de Judá e Israel muitos, como a areia que está junto ao mar em multidão, comendo e bebendo e alegrando-se. E dominava Salomão sobre todos os reinos desde o rio até à terra dos p<sup>e</sup>listiim, e até ao termo do Egito; os quais traziam presentes, e serviram a Salomão todos os dias da sua vida* (1Rs 4,20-21 hbr ou 4,20-5,1gr).

Em que pese a discussão arqueológica a respeito do reino de Salomão, esta teologia do domínio de Deus sobre a terra que é entregue ao seu ungido é legitimada pelos reis em seus projetos expansionistas. Deus tem o tamanho do Israel governado pelo rei e o povo de Deus é o povo do rei. O templo é do rei e os sacerdotes oficiam em nome e pagos pelos reis.

É a teologia que justifica a violência desmedida das guerras santas travadas por Josué contra os reis e as populações de Canaã que estavam na terra escolhida pela divindade para entregá-la à “nação santa” (Êx 19.6). *Eu vos dou todo lugar que a planta de vossos pés pisar, conforme prometi a Moisés. O vosso território se estenderá do deserto e do Líbano até o grande rio, o Eufrates, por toda a terra dos heteus, até ao Grande Mar, a ocidente* (Js 1,3-4).

Justamente por relatar fatos que não aconteceram realmente, o livro de Josué tornou-se o livro paradigmático da teologia do domínio e da guerra santa.

Esta teologia atravessa, também, os livros das Crônicas – últimos livros e ponto de chegada da bíblia hebraica - que se preocupam de “limpar” as memórias de Davi e de Salomão<sup>3</sup>. Estes livros apresentam a aliança feita por Deus com Moisés como só um prelúdio à verdadeira aliança que Deus fez com Davi.

### 3. As guerras santas apocalíticas do pós-exílio

Esta teologia de um Deus “nacional e nacionalista” vai se manter também em importantes textos pós-exílicos como no livro de Ezequiel e nos livros de Esdras e Neemias. Só que, naquele período, Israel não existia mais como estado; só existia Judá como parte da satrapia da Transeufratênia, no império persa ou, no império grego, como província, violentamente disputada pelos lágidas do Egito e os selêucidas da Asia/Síria.

Esta realidade provocou diferenças na teologia do domínio teocrático. Mudou o centro da unidade nacional que non foi mais o palácio do rei, mas foram o templo do Sumo Sacerdote e a *Torah* que, do templo, recebeu sua redação final.

Isso vai ter dois efeitos colaterais muito importantes: o primeiro é que o governo do Deus Altíssimo ultrapassa as fronteiras geográficas da terra de Judá para alcançar todo israelita, aonde for que ele viva. “*Há um povo espalhado por todas as províncias do teu reino, separado entre os povos e obedecendo a leis estranhas, que os outros não conhecem*” (Est 3,8). É a realidade da diáspora.

O segundo efeito colateral é que Israel não incomodará mais os impérios de turno que viverão sempre em paz com Jerusalém<sup>4</sup>, até a revolta dos Macabeus e o breve período do reino Asmoneu.

Foram séculos com bem menos guerras e, talvez por isso, tenhamos tão poucas informações sobre este período. A conquista do poder teocrático pelos sadocitas significou um projeto de manutenção eterna do seu poder religioso. Assim termina o texto hebraico do Sirácida ao falar do sumo sacerdote Simão, no fim do segundo século a.C. “*Que sua graça permaneça fielmente com Simão. Que ele realize nele a aliança de Fineias, que ela não seja retirada nem a ele nem a sua posteridade, enquanto durar o céu*” (Sir 50,24)<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Na narrativa cronista das memórias de Davi não constam os seguintes episódios: o adultério com Betsabea e o assassinato de Urias; o “incesto” de Amon; a revolta de Absalão; a memória de Semei e de sua crítica; a velhice de Davi; o complô de Adonias; a articulação de Natã e Betsabea em favor de Salomão; Adonias que pede perdão. E das memórias de Salomão desaparecem as informações sobre o assassinato de Adonias; a expulsão de Abiatar; o assassinato de Joab e de Semei; o casamento de Salomão com a filha de Faraó; o julgamento do filho das prostitutas; a edificação dos palácios reais; as 1000 mulheres e a idolatria de Salomão

<sup>4</sup> Vale, neste sentido, a declaração do rei selêucida Antíoco III, pouco antes das guerras macabaicas, trazida por Flávio Josefo: *Estou persuadido de que os judeus serão bons guardiões de nossos interesses, por causa de sua piedade para com Deus e sei que meus antepassados conheceram a sua fidelidade e a sua pronta obediência às ordens recebidas... a eles prometemos que poderão viver de acordo com suas próprias leis* (AJ 12,147-153).

<sup>5</sup> Pouco tempo depois, o filho de Simão, o sumo sacerdote Onias, será morto pelo rei Antioco e terminará

A guerra santa será, então, deslocada ao fim da história: será uma guerra santa apocalítica, conduzida pelo messias enviado, quando as nações todas serão derrotadas e serão definitivamente restauradas as sortes dos “eleitos”, dos que viveram fielmente, segundo os preceitos da Torah.

Enquanto este tempo não chegar, os unguídos/messias serão os sumos sacerdotes que, em nome e no lugar de Deus, exercem o poder. Até que vieram as guerras santas religiosas dos Macabeus e dos zelotes.

#### 4. As guerras santas em defesa da religião

Precisamos reafirmar que, nos tempos bíblicos, era impossível separar o religioso do político: guerra santa pela religião era, também, sempre, guerra política e vice-versa.

A bíblia grega nos lembra a única guerra santa desencadeada para defender a religião judaica, ameaçada e proibida por Antioco Epifanes: *O rei mandou decretos a Jerusalém e às cidades de Judá, para que adotassem as leis das nações da terra: ficavam proibidos os holocaustos e sacrifícios e expiações no templo de Deus, e deviam profanar os sábados e as festas, e macular o Santuário e as pessoas consagradas. Por outro lado, deviam levantar altares e templos e ídolos, e imolar porcos e outros animais impuros. Deviam também deixar seus filhos incircuncisos e profaná-los com todo tipo de impureza e contaminação, de modo que viessem a se esquecer da Lei e a mudar todas as observâncias. E todo aquele que não agisse de acordo com a palavra do rei, seria morto* (1Mc 1,44-50).

Muitos foram os mártires que não se sujeitaram às ordens do rei.

Matatias, porém, ao ver um judeu sacrificar sobre o altar dos ídolos, reagiu com “*ira santa*”: matou o judeu e o funcionário do rei e movido *pelo zelo da Lei, saiu gritando pela cidade: “Todo aquele que tem o zelo da Lei e quer permanecer na Aliança, saia daqui e me siga!”* Fugiu, então, ele e seus filhos, para as montanhas (1Mc 2,1-28)

Iniciou uma “guerrilha santa”, conduzida por Judas Macabeu, sob as bênçãos de Deus (1Mc 3,22. 43-54), e que culminou na purificação e dedicação do templo (1Mc 4,36-61) e na recuperação da liberdade religiosa (1Mc 6,55-59).

Alcançados os objetivos, e depois da morte em batalha de Judas, os *has-sidiim*/piedosos e os sacerdotes conservadores abandonaram a guerra santa. As façanhas de Jônatas e de Simão, irmãos de Judas o Macabeu, já têm uma característica de guerras políticas pela busca e manutenção do poder: Jônatas se autoneomeará Sumo Sacerdote e, mais tarde, Simão, assumirá o poder de sumo

---

assim a dinastia sadocita. O texto grego, então, mudará este final da história: *Agora, bendizei o Deus do universo que faz maravilhas em toda a terra, exaltando nossos dias desde o ventre de nossas mães e agindo conosco segundo a sua misericórdia. Que ele nos dê a alegria do coração e que haja paz em nossos dias, em Israel, para dias sem fim; e Israel acredite que está conosco a misericórdia de Deus, para nos libertar em nossos dias.*

sacerdote, *etnarca* /chefe da nação e *estratego*/chefe militar. Só não se chamou rei, como irá fazer o neto dele, dando início à dinastia dos Asmoneus e ao retorno da opressão sobre o povo.

A segunda guerra santa em defesa da religião será a guerra dos zelotes que, movidos pelo mesmo zelo de Elias e de Matatias, queriam eliminar os sacerdotes sadocitas, ricos e poderosos, considerados detentores ilegítimos e indignos desta função sagrada e além do mais, aliados dos romanos que deviam ser definitivamente combatidos e afastados da terra santa; era preciso purificar, uma vez mais, o templo de Jerusalém.

Uma guerra santa que terminou, como sabemos, no ano 70, com a destruição de Jerusalém, por parte das legiões de Tito e com o extermínio dos zelotes sobreviventes em Massada. Em 132, houve mais uma guerra santa, sob a condução de *Simão Ben Koseba*, cognominado *Bar Kôkeba* (filho da estrela) em alusão à profecia de Nm 24,17. Este chefe, no qual o célebre Rabi Aqiba viu o Messias, ocupou, com seus partidários, boa parte do país e a sua capital durante cerca de dois anos. O culto foi restabelecido nas ruínas do santuário. Roma interveio, então, com quatro legiões. Depois de três anos de combates, que deixaram muitos mortos de ambos os lados, a revolta foi total e cruelmente esmagada, em 135. A sorte dos vencidos foi pior do que em 70.

O imperador Adriano proibiu a todo circunciso o acesso a Jerusalém, que se tornou *Colonia Aelia Capitolina*.

## **5. A guerra santa para que o nome do SENHOR seja santificado**

Até aqui vimos que as guerras santas, apesar de suas diferentes origens e motivações, tinham duas características bem definidas em comum: a divindade era, sempre, o “Deus de Israel” e a nação - santa ou política – era sempre “Israel, o povo de Deus”. Isso vale, também, quando a guerra de Deus é feita “contra” o Israel, infiel, traidor, idólatra e pecador. É uma guerra santa, pois tem o objetivo de “santificar” o nome de Deus que o seu povo profanou no meio das nações.

Vejam a leitura do exílio de Babilônia feita por Ezequiel, ele, também, exilado, em Tel Aviv:

*Filho do homem, quando a casa de Israel habitava na sua terra, então a contaminaram com os seus caminhos e com as suas ações... Derramei, pois, o meu furor sobre eles... E espalhei-os entre as nações, e conforme os seus feitos, eu os julguei. E, chegando às nações para onde foram, profanaram o meu santo nome, porque se dizia deles: Estes são o povo de SENHOR e saíram da sua terra. Mas eu os poupei por amor do meu santo nome, que a casa de Israel profanou entre as nações para onde foi. Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR: Não é por respeito a vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. E eu santificarei o meu grande nome, que foi profanado entre as nações; e as nações conhecerão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR, quando eu for santificado aos seus olhos (Ez 36,17-23).*

O mesmo Ezequiel nos dirá, muitas vezes, que a violência divina foi descarregada contra o povo para que ele “conhecesse” que ele é o SENHOR: *E porei a minha face contra eles; do fogo sairão, mas o fogo os consumirá; e conhecereis que eu sou o SENHOR, quando tiver posto a minha face contra eles* (Ez 15,7). O conhecimento do Senhor salva.

A violência sofrida por Babilônia tem o mesmo resultado da libertação do Egito: conhecer o Senhor: *Eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e conhecereis que eu sou o SENHOR vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios* (Êx 6,7).

Este é o objetivo que santifica a guerra de Deus contra o seu povo e provoca o arrependimento e o perdão.

## **6. O dia do SENHOR em defesa dos direitos dos pobres**

Tudo que vimos até aqui refletir o que escreveram os escribas do palácio, do templo e da sinagoga. Escritos que eles chamaram Sagradas Escrituras. Jesus de Nazaré, porém, nos alertou que os sábios o Pai escondeu as suas coisas e as revelou aos pequeninos.

Os pequeninos, com efeitos, nos falam de maneira bem diferente de Deus e de sua “violência”. Eles e elas nos disseram que quando Deus fala “meu povo” não fala de uma nação, nem aquela santa, nem aquela política, ele fala dos oprimidos, dos injustiçados, das vítimas da violência dos poderosos que esmagam o pobre: juízes, magistrados, reis, nobres, ricos, falsos profetas, sacerdotes coniventes. Basta abrir as páginas dos profetas pré-exílicos para encontrar os fortes invectivas contra as classes dominantes que, sem o mínimo escrúpulo, usam até o culto e o nome da divindade para legitimar suas violências contra os mais fracos.

O “*dia do SENHOR*” está perto, vira em breve e destruirá os que destroem o seu povo:

*Silêncio diante de Adonai SENHOR, pois está próximo o dia do SENHOR! O SENHOR já marcou um sacrifício, já separou seus convidados. “No dia deste sacrifício do SENHOR, acertarei as contas com os chefes, com a corte do rei e com todos os que se vestem à moda estrangeira. Naquele dia acertarei as contas com todos os que saltam a soleira da porta e enchem de violência/hamas e de trapaças a casa dos seus senhores. Naquele dia – oráculo do SENHOR – um clamor se levantará... pois acabaram os mercadores, foram eliminados todos os cambistas. Naquele tempo, com lanternas, esquadrinharei Jerusalém, para acertar as contas com aqueles que, encharcados de vinho, dizem para si mesmos: “ O SENHOR não faz o bem nem o mal!” Pois suas riquezas serão confiscadas e suas casas, demolidas. Construirão casas, mas nelas não vão morar, plantarão vinhedos, mas de seu vinho jamais beberão.*

*Está próximo o grandioso dia do SENHOR, está próximo e avança com grande rapidez. Um grito: ‘É amargo o dia do SENHOR! Ai o valente soluça!’ Aquele dia*

*será um dia de ira, dia de angústia e aflição, dia de devastação e ruína, dia de trevas e escuridão, dia nublado e tenebroso, dia de trombeta e gritos de guerra contra cidadelas fortificadas e torres da muralha. Atormentarei esses indivíduos até fazê-los andar como cegos, pois pecaram contra o SENHOR. Seu sangue será derramado como se fosse pó, suas vísceras como lixo. Nem sua prata nem seu ouro serão capazes de livrá-los. No dia da ira do SENHOR, ele incendiará a terra inteira, sim, ele exterminará todos os que se sentam sobre a terra (Sf 1,7-17).*

É uma guerra santa de classe: contra os opressores, a favor dos oprimidos:

*Seus chefes são como leões a rugir; seus juízes são lobos do campo que hoje nada comeram. Seus profetas são uns fanfarrões, mestres na traição; seus sacerdotes profanam as coisas santas e violentam a lei de Deus. Mas, no meio dela estão SENHOR Justo, que jamais pratica uma injustiça... Por isso – oráculo do SENHOR – espera pelo dia em que ficarei de pé como testemunha. Pois decidi reunir as nações para despejar contra vós todo o meu furor; o ardor da minha ira. A terra inteira será consumida pelo fogo da minha paixão... Nesse dia tirarei do teu meio teus arrogantes fanfarrões... Em teu meio deixarei apenas um povo humilde e pobre” – um resto de Israel, que buscará apoio no nome do SENHOR. Ninguém mais praticará a injustiça, nem contará mentiras, nem mais sairão de suas bocas palavras enganadoras e, assim, todos poderão comer e descansar sem que ninguém os incomode (Sf 3,3-13).*

A experiência dos pequeninos e das pequeninas, faz com que o povo de Deus ultrapasse os limites dos descendentes de Abraão e de Jacó, para se identificar com todas e todos que gritam e sofrem pela opressão, pela dor e cobram o amor misericordioso de um Pai, de um Redentor:

*Olha com atenção desde o céu, desde tua morada santa e majestosa! Onde está o teu ciúme e a tua valentia? Teu coração comovido, tua paixão para comigo estão recolhidos? Tu és o nosso pai. Abraão não nos conhece, Jacó não faz caso de nós. Tu SENHOR és nosso pai, o nosso redentor; desde o princípio este é teu nome (Is 63,15-16).*

O projeto de “*implantar a justiça e o direito no meio das nações*” está entregue ao Servo do SENHOR que, por causa disso, será perseguido pelos poderosos que o torturarão e o matarão, mas, mesmo assim “*verá seus descendentes, prolongará sua existência e, por meio dele, o desígnio do SENHOR se realizará*” (Is 53,10).

As comunidades de Mateus vão ver em Jesus de Nazaré mais uma concretização deste “servo| cuja missão é “*anunciar o direito às nações*” e que não descansará “*até que faça triunfar o direito*” (Mt 12,18-21). Logo vamos voltar a Jesus.

## 7. Como disfarçar de “guerra santa” uma brutal vingança pessoal

Ao falar de guerra santa, não consigo deixar de trazer a memória a denúncia feita pelas mulheres do que significa para seu corpo a relação com o sagrado que chega até a provocar uma guerra santa para vingar o levita que perdeu a propriedade do corpo de sua concubina<sup>6</sup>.

Os absurdos da guerra santa aparecem logo, quando um “levita” confirma em nome de Deus o projeto dos Danitas de conquistar a cidade de Lais, onde vivia um povo que “à maneira dos *sidônios*, vivia tranquilo, sossegado e confiante. Não faltava nada à região, que era próspera. Viviam longe de Sidônia e não tinham a ver com ninguém” (Jz 18,7). Foi este povo e esta terra que Deus entregou aos Danitas (Jz 18,10) que “passaram à espada aquele povo sossegado e confiante e incendiaram a cidade” (Jz 18,27) e lá ergueram um santuário, dirigido por um descendente de Moisés e onde colocaram a imagem de escultura<sup>7</sup>, roubada da casa de Micas (Jz 18,30-31; 17,17-25).

A narrativa seguinte nos relata uma guerra santa ainda mais absurda. Um levita foi pegar de volta uma concubina que o tinha deixado. Voltando para casa, pernoitaram em Gabaá, onde uns “filhos de Belial” quiseram abusar dele. O dono da casa onde se hospedavam se dispôs a entregar suas próprias filhas, mas o levita “pegou da sua concubina, e a tirou para fora e eles a conheceram e abusaram dela toda a noite até pela manhã, e, ao amanhecer, a deixaram” (Jz 19,25). A mulher voltou para casa, mas caiu morta à soleira da porta.

O levita, “chegando à casa, pegou uma faca e, segurando o cadáver da concubina membro por membro, cortou-o em doze pedaços, que enviou por todo o território de Israel. Todos que viam comentavam: “Jamais aconteceu, jamais se viu uma coisa assim desde que os israelitas saíram do Egito até hoje. Refleti sobre isso, tomai uma decisão e pronunciai-vos!” (Jz 19, 29-30).

É a convocação para a “guerra santa” à qual respondem todas as tribos de Israel, menos a de Jabes de Galaad, para vingar a honra do levita ao qual foi tirada a sua propriedade que ele mesmo entregou à violência. A guerra foi contra todos os benjaminitas que se recusaram de entregar os responsáveis pela violência feita à mulher.

A narrativa tem todas as características da guerra santa: o compromisso de participar e combater até o fim (Jz 20,8); a escolha do percentual dos que irão combater (Jz 20.10); a ida ao santuário para consultar Deus sobre o como

---

<sup>6</sup> Anna Maria e eu já escrevemos longamente sobre este assunto. Nossa hipótese é que os capítulos de 17 a 21 do livro dos Juizes e os capítulos de 1 a 4 do Primeiro livro de Samuel, formassem, na origem, um livreto de denúncia, por parte das mulheres, dos absurdos do poder sagrado, contra a mulher e seu corpo. Ver: Gallazzi, Sandro e Rizzante, Ana Maria. “Mulher: fé na vida”. In: *Coleção Palavra na Vida*, nº35/36, CEBI, 1990, 58p. “Templo x mulher”. In: *Estudos Bíblicos*, No. 29. Petrópolis, Vozes, 1991, pp. 64-78. “E violentaram também sua memória”. In: *Ritba 41*, Vozes, Petrópolis, 2002.

<sup>7</sup> Este texto tem sabor de antiguidade pois esta imagem fundida era do SENHOR. Ainda não vigorava a disposição de não fazer imagens de fundição.

fazer (Jz 20,18). Apesar disso, os israelitas foram derrotados e deixaram 22.000 mortos no campo de batalha (Jz 20,21).

*Subiram os filhos de Israel, e choraram perante o SENHOR até à tarde, e perguntaram ao SENHOR, dizendo: Tornaremos a pelejar contra os filhos de Benjamim, meu irmão? E disse o SENHOR: Subi contra ele.* (Jz 20,23). Foram novamente derrotados e foram mortos mais 18.000 homens. Segue-se outra celebração em Betel: *choraram perante o SENHOR, e jejuaram até à tarde; e ofereceram holocaustos e ofertas pacíficas perante o SENHOR... pois a arca da aliança de Deus estava ali e Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão, estava perante ele naqueles dias* (Jz 20,26-28). A presença extemporânea da Arca e de Finéias tornam este texto um paradigma da guerra santa: *Quando a arca da aliança se punha em movimento, Moisés dizia: “Levanta-te, SENHOR, que se dispersem os inimigos! Fugam diante de ti os que te odeiam* (Nm 10,35).

No dia seguinte, obedecendo à ordem divina e por uma estratégica emboscada, Israel, finalmente, venceu a guerra: *matou 25.000 benjaminitas, passando à espada tudo o que encontravam, tanto homens como animais, e também incendiaram todas as cidades que encontravam* (Jz 20,46-48). Por causa da falsa honra de um levita que entregou sua mulher à morte, foram massacrados, na guerra santa, mais de 40.000 israelitas e 25.000 benjaminitas!

Mas o absurdo não termina aqui, uma vez que sobraram 600 benjaminitas que tinham conseguido fugir. O capítulo 21 de Juízes nos diz que, então os israelitas voltaram a Betel *elevando seu clamor e derramando muitas lágrimas*. O motivo? *Ah! SENHOR Deus de Israel, por que sucedeu isto, que hoje falte uma tribo em Israel?* Para que a tribo de Benjamin voltasse a existir era preciso que os 600 sobreviventes tivessem uma mulher, mas todos tinha jurado perante Deus: *Nenhum de nós dará sua filha por mulher aos benjaminitas*.

Outro altar, outros sacrifícios e, finalmente, a decisão: visto que a tribo de Jabes de Galaad não participou da guerra santa, incorrendo, assim, na pena de morte jurada a quem não fosse participar da guerra santa, *a comunidade enviou para lá doze mil homens de guerra, ordenando: “Ide, matai à espada os habitantes de Jabes de Galaad, inclusive mulheres e crianças: votai ao interdito/herem todo homem e toda mulher já casado, mas deixai em vida as virgens”*.

Foram capturadas 400 moças que foram entregues aos benjaminitas.

Ainda faltavam 200. *O povo continuou com pena de Benjamim, porque o SENHOR causou um rombo entre as tribos de Israel*. Foi, assim, que os anciãos decidiram que, não podendo dar suas filhas aos benjaminitas, eles seriam autorizados a raptar, durante a festa sagrada, as 200 virgens que faltavam. Os pais deviam se conformar pois, não havendo eles entregado diretamente as filhas, não tinham desrespeitado o juramento feito.

Punidos por terem violentado uma mulher, os benjaminitas, agora, eram liberados para tomar 200 garotas e durante a festa de Deus em Silo.

Para que houvesse tanta violência, nos repetem as mulheres, não foi preciso esperar os abusos da monarquia: *Naquele tempo não havia rei em Israel; cada qual fazia o que lhe parecia melhor* (Jz 17,6; 18,1; 19,1; 21,25).

Ao santuário de Silo são associadas mais memórias de violência, sobretudo por parte dos filhos do velho sacerdote Eli, verdadeiros *“filhos de Belial que não conheciam o SENHOR”* seja porque abusavam das ofertas dos sacrifícios rituais, seja porque abusavam das *“mulheres que serviam à entrada da tenda da congregação”* (1Sm 2,12-22).

O contraste é dado por Ana que, no templo, proclama a memória do SENHOR como era guardada pelos pequeninos, pelas mulheres e pelos pobres (1Sm 2, 1-10). Um Deus cuja causa é a causa dos fracos, dos famintos, das mulheres estéreis; um Deus que *“levanta o pobre do pó, e desde o monturo exalta o necessitado, e o faz assentar entre os príncipes, o faz herdar o trono de glória; porque do SENHOR são os alicerces da terra, e assentou sobre eles o mundo”*. Um Deus que quebra o arco dos fortes e despreza os arrogantes e os ricos.

Samuel, como mais tarde Jesus, serão criados por suas mães nesta verdadeira teologia.

O culto oficial do templo não tem serventia nenhuma e a narrativa termina com mais uma “guerra santa” quando Israel *“saiu em guerra contra os p<sup>o</sup>listiim”* (1Sm 4). Israel é derrotado e são mortos 4000 homens. Precisa, então, que a guerra seja santificada: *Vamos trazer de Silo a arca da aliança do SENHOR, e venha no meio de nós, para que nos livre da mão de nossos inimigos*”. Quando chegou a arca do SENHOR DOS EXÊRCITOS, explodiu a alegria no meio do povo e o pavor no meio dos p<sup>o</sup>listiim que, conhecendo as antigas façanhas deste Deus, temiam a derrota. A presença da arca não adiantou. Foram mortos 30.000 israelitas, entre eles os sacerdotes filhos de Eli. Os p<sup>o</sup>listiim se apoderaram da arca de Deus.

Ao saber do acontecido morreu, também, o sacerdote Eli, caindo do trono e batendo a cabeça e morreu de parto a mulher de um dos filhos de Eli, dando ao recém-nascido o nome de Icabod: *foi banida a glória de Israel*.

## 8. Guerra nenhuma é santa<sup>8</sup>

*Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos... Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus* (Mt 5,43-48).

---

<sup>8</sup> Sugerimos, para completar esta reflexão, a leitura do nosso artigo *“Eu vos entrego o shalom/prosperidade”* publicado em RIBLA No. 88.

*Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno para com os ingratos e malvados (Lc 6,35).*

O Evangelho anunciado por Jesus: “*metanoieitê/mudai vosso pensamento*” não pode ser reduzido só a algo relativo ao nosso comportamento ético e traduzir, como se costuma fazer, com “arrepender-se”, “converter-se”.

É muito mais: trata-se, sobretudo, de mudar nossa maneira de pensar Deus. O antigo dito profético “*o dia do SENHOR se aproxima*” é substituído por Jesus com “*o reino de Deus se aproximou*”. Cabe a nós, ao “*filho do homem*”, buscá-lo, encontrá-lo, torná-lo visível.

Jesus quebra o paradigma da guerra santa ao proclamar que o “Altíssimo” não deve ser pensado como um juiz interventor que destrói seus inimigos, mas como um “Pai” que ama a todos e garante a vida (sol e chuva) a maus e bons, a justos e injustos ou, como mais radicalmente diz Lucas, um Pai que é benigno com os ingratos e os malvados. Aliás, ele privilegia os impuros e os pecadores, escandalizando os que continuam pensando no Deus juiz ameaçador, castigador, separador, excludente.

O seu Espírito invade as nossas vidas para que os filhos do homem sejam os sujeitos capazes de lutar contra toda forma de morte, de violência, contra tudo que ameaça a vida, contra tudo que é o antirreino: *curai os enfermos e expulsai os demônios*.

Jesus é a encarnação de um judaísmo sempre presente na história de Israel e que, como já dissemos, teve suas páginas mais expressivas no texto do Segundo Isaias e de alguns salmos, fruto da revelação do Pai aos pequeninos e, de maneira especial, às pequeninas.

Um judaísmo centrado na fidelidade ao Deus dos pobres, na fidelidade aos pobres de Deus e na fidelidade à terra cujos bens são de todos e para todos, sem distinção. É o que afirma a Comissão Pastoral da Terra, como sua identidade e sua “missão”. É a identidade de tantas e tantos mártires que morreram sem que Deus fizesse nada para salvá-los das mãos de seus assassinos. É o judaísmo de quem, na cruz, grita sua esperança, mesmo gritando sua dor maior: *meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mc 15,34; Sl 22).

Perdoar, fazer o bem, amar, rezar pelo inimigo, não significa, porém, abandonar a luta, não quer dizer ficar em cima do muro, não é evitar o conflito. Não podemos esquecer que Jesus, na memória de Lucas, está na cruz, quando invoca o perdão para os que o estão matando. Quantas vezes, pelo contrário, nós usamos a desculpa do perdão para não acabar na cruz!

É preciso assumir o conflito, provocar o conflito, contra todos que fazem violência ao pequenino, porque queremos, como Jesus, que “*todos tenham vida e vida ao máximo*”, sabendo que, para que isso aconteça, temos que estar dispostos a dar a vida.

Precisamos ter a fé de quem não duvida em seu coração que “*este monte*”, o monte do templo, do palácio, do mercado, do quartel, o monte de toda opressão, injustiça, exclusão e violência, “*vai embora e se vai jogar no mar*” (Mc 11,23). Sabendo, porém, que não queremos trocar um monte por outro monte, uma violência por outra violência, mas acreditamos em novas relações. É por isso que não bastam as orações: *quando estiverdes orando, perdoai se tendes algo contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas quedas* (Mc 11,25-26).

Perdoa como nós perdoamos: poderíamos dizer, por absurdo, que a guerra santa é só contra quem faz guerra santa.

Quero reparar um detalhe da paixão de Jesus, presente nos quatro evangelhos canônicos, e que ajuda concretizar o que estamos dizendo: *Um dos que ali estavam, puxando a espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cotou-lhe uma orelha* (Mc 14,47).

Marcos só relata o acontecido. Mateus, mais tarde, ao lembrar o fato, vai fazer teologia e acrescenta: *Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão. Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça?* (Mt 26,52-54). Lucas vai modificar ainda mais e revolucionar o texto: *Respondendo Jesus, disse: Deixai-os; basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou* (Lc 22,51). João muda mais ainda e, depois de dizer que quem cortou a orelha foi Simão Pedro e o servo que perdeu a orelha era Malco, acrescenta: *Jesus disse a Pedro: Põe a tua espada na bainha; não beberei eu o cálice que o Pai me deu?* (Jo 18,10-11).

É o momento da decisão. Qual é a vontade do Pai? Não é a reação de quem, com a espada, luta para não se deixar prender, como nos diz Lucas: *os que estavam com ele, vendo o que ia suceder, disseram-lhe: Senhor, feriremos à espada?* (Lc 22,49)<sup>9</sup>. Não é a guerra santa messiânica, nem mesmo aquela feita pelas doze legiões de anjos, enviadas pelo Pai. Não é isso que Jesus pediu em sua oração; o que ele quis é que tudo acontecesse segundo a sua vontade, que “*se cumprissem as escrituras*” (Mc 14,49; Mt 26,54.56).

Quais Escrituras? Não as inúmeras páginas narrando e justificando a violência divina contra os inimigos do seu povo, fossem eles, as “nações” ou os “ímpios” ou os “ímpuros e pecadores” ou os “ricos e poderosos” que esmagavam o pobre ou até os “sacerdotes e os falsos profetas” que eram coniventes com todas as violências.

---

<sup>9</sup> Há quem diga que Judas, ao beijar Jesus, queria provocar uma sua reação messiânica, como faria entender o texto de João ao nos dizer que Jesus espontaneamente se deixou prender, depois de ter demonstrado a sua força: *Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e disse-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou eu. E Judas, que o traía, estava com eles. Quando, pois, lhes disse: Sou eu, recuaram, e caíram por terra* (Jo 18,4-6).

O gesto de Jesus curando a orelha cortada nos fala de outras escrituras, as que o crucificado que vive para sempre fez questão de nos dizer desde a Galileia, como disseram os dois homens às mulheres que tinham ido ao memorial: *Lembrai-vos do que ele vos falou, quando ainda estava na Galileia: 'É necessário que o Filho do Homem seja entregue nas mãos dos pecadores, seja crucificado e, no terceiro dia, ressuscite'. E elas se lembraram de suas palavras*" (Lc 24,6-8).

Aos dois que estavam indo a Emaús e que não acreditaram nas mulheres, foi o próprio Jesus a falar: *"Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas falaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse na sua glória?" E, começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou lhes, em todas as Escrituras, o que a ele diziam respeito*" (Lc 24,25-27).

É o que Jesus terá que repetir aos demais discípulos ainda assustados: *"São estas as palavras que eu vos falei quando ainda estava convosco: era necessário que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos". Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: "Assim está escrito: o Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos ao terceiro dia, e no seu nome será anunciada a mudança de pensamento, para a remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas disso* (Lc 24,44-48).

É isso e só isso que vale a pena tomar de todas as escrituras.

É o que fizeram, Dorothy, Josimo, Santo Dias, Margarida Alves, Adelaide, Ezequiel, Gringo, Rose, Romero, Angelelli e a multidão das e dos que *"branquearam suas vestes no sangue do cordeiro"* (Ap 7,14) e que continuam presentes em nós, conosco e por nós, como o Jesus vivo.

## **Bibliografia**

- De Vaux, Ronald, *Instituições de Israel no antigo testamento*, Editora Teológica, 2003.
- Gallazzi, Sandro, *A mão do Senhor contra o Egito* (Uma reflexão sobre as dez pragas). In: *Estudos Bíblicos*, No. 6. Petrópolis, Vozes, 1985, pp.11-20.
- Gallazzi, Sandro e Rubeaux, Francisco (1993), *Primeiro Livro dos Macabeus. Autocrítica de um guerrilheiro*. Comentário Bíblico. Ed. Vozes, Metodista, Sinodal, Petrópolis, 263p.
- Gallazzi, Sandro e Rizzante, Ana Maria (2001), *Judite: a mão da mulher na vida do povo*. Comentário Bíblico. Ed. Vozes e Sinodal, Petrópolis, 143p.
- Gallazzi, Sandro e Rizzante, Ana Maria (1990), *Mulher: fê na vida*. In: Coleção Palavra na Vida, No. 35/36, CEBI, 1990, 58p.
- \_\_\_\_\_, (1991), *Templo x mulher*. In: *Estudos Bíblicos*, No. 29. Petrópolis, Vozes, 1991, pp. 64-78.

- \_\_\_\_\_, *E violentaram também sua memória*. In: RIBLA 41, Vozes, Petrópolis, 2002.
- Instituto Metodista de Ensino Superior, *Ciências da Religião* No. 2: “Os excluídos”, São Bernardo, 1996.
- Pastoral Universitária UNIMEP, *Violência e paz. Uma conversa a partir da Bíblia com Jorge Pixley e Sandro Gallazzi*, Piracicaba, 2000.
- Rizzante, Ana Maria, *Salmos. Uma oração violenta?* In: *Estudos Bíblicos*, No. 6. Petrópolis. Vozes, 1985, pp. 31-39.